

Em busca de um lugar na história: Viúvas, órfãos e mutilados vítimas da Guerra do Paraguai

Marcelo Santos Rodrigues *

Resumo: Este artigo pretende rememorar a sangrenta e terrível Guerra do Paraguai (1864-1870), recorrendo aos apelos lançados ao rei, de viúvas, órfãos e mutilados de guerra, através de documentos oficiais e da imprensa brasileira, para apresentar histórias esquecidas de *heróis* anônimos e daqueles que sofreram as consequências da guerra.

Palavras chaves: Guerra do Paraguai, Brasil, Imprensa S.XIX

A monarquia e a república guardaram na memória da nação brasileira, a história de heróis glorificados e cultuados da guerra contra o Paraguai. Nas ruas, avenidas, praças, em suntuosos e ricos monumentos e em uma vasta bibliografia sobre a guerra, Caxias, Osório, Tamandaré, Barroso foram imortalizados. Assim se forjou, depois de batalhas travadas em solo inimigo, o passado nacional.

Todavia outros homens que participaram da guerra, não menos patrióticos, não menos brasileiros, de grandeza épica, jazem ignorados pela história oficial. Pretendo nesse artigo rememorar a sangrenta e formidável campanha americana, recorrendo aos apelos lançados ao rei e, posteriormente aos governantes da república, através de documentos, insuficientemente analisados por historiadores, apresentando histórias de *heróis* anônimos e esquecidos nas narrativas da Guerra do Paraguai.

Em 19 de dezembro de 1869, uma subscrição popular foi aberta, com o fim de oferecer um baile ao voluntário da pátria Francisco Benedicto de Mattos, que acabara de chegar do Paraguai. A comissão tomou para si o trabalho de levar a efeito a idéia, desenvolvendo todo o esforço para obter o resultado completo. Francisco de Mattos foi um dos primeiros que se escreveu sob a bandeira do 7º corpo de voluntários de São Paulo. Foi vítima de severa enfermidade que o deixou inválido. Depois de quatro anos de campanha retornou para o convívio de sua família. No dia de sua chegada foi homenageado pelo povo que reconheceu a sua *galhardia*. A imprensa de Campinas publicou, em suas páginas, a homenagem dos concidadãos do capitão Francisco de Mattos, pois dizia: “*nesta época de desgraças em que as medalhas e as recompensas oficiais nada significam, porque na realidade nada valem, é justo que o povo se levante*”

*Licenciado pela Universidade Católica do Salvador – UCSal. Mestre em História pela Universidade Federal da Bahia – UFBA. Doutor em História pela Universidade de São Paulo – USP. Prof. Adjunto de História da América e Brasil Império da Universidade Federal do Tocantins – UFT.

e em suas sinceras orações dê ao heróico soldado a única recompensa digna do verdadeiro mérito.”¹

Maria das Neves de Jesus era pobre, viúva, e vivia nos limites da freguesia de Nossa Senhora da Encarnação do Passe, na província da Bahia. Mãe de três filhas *honestas*, duas delas ainda menores. O seu único filho: Antônio Fernandes de Britto, amparo da família, foi recrutado, em 03 de outubro de 1866, para servir na Marinha. Qual o destino reservado para essa família, assim como para todos aqueles que tiveram filhos, pais e irmãos, envolvidos com a guerra no sul do Império?

A guerra com o Paraguai prolongava-se por quase dois anos e as notícias dos jornais indicavam que se arrastaria por mais tempo do que o previsto. Maria das Neves recorreu ao presidente da sua província para pedir o relaxamento da prisão do filho, alegando injusta porque ele era o amparo de três *irmãs donzelas* e da própria suplicante.²

A viúva procurou, na ocasião, o vigário Gustavo Sá Barreto, para que ele pudesse atestar o comportamento exemplar do primogênito que sustentava a família. Maria Neves de Jesus não teve o seu pedido atendido, pois, mesmo com o atestado que assegurava à isenção do filho, o capitão da fragata, responsável pelo recrutamento, foi irredutível, tratava-se de dias difíceis aqueles.

Com o término da guerra, muitos soldados regressaram às suas províncias glorificados como heróis defensores da pátria ultrajada. Mas qual destino foi reservado ao filho da viúva Maria? A documentação examinada não nos permitiu reencontrar Antônio Fernandes de Brito, o voluntário da pátria, que a história esqueceu o nome e, sem medalhas de bravura, ofertadas pelo império, possivelmente, teve a mesma sina de outros soldados sepultados em cova rasa, assinalada com uma cruz tosca de madeira, no solo paraguaio. Talvez, nem a própria mãe tenha reencontrado o seu estimado filho.³

Na reconstituição da história de muitos outros soldados que regressaram da guerra é possível também supor outra versão para o destino de Antônio de Britto, assim como o futuro de sua família humilhada depois da guerra. Deixados à própria sorte, muitos voluntários tiveram que recorrer às esmolas concedidas, ainda, durante a guerra para a sobrevivência, tornando-se indigentes, esquecidos na história.

¹ Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. Gazeta de Campinas, São Paulo, 7 de Nov. 1869.

² Arquivo Público do Estado da Bahia. Seção Colonial e Provincial. Série Polícia. maço 2959.

³ Arquivo Público do Estado da Bahia. Seção Colonial e Provincial. Série Polícia. maço 2959.

O sentimento da humilhação reivindica para si a afronta, o vexame e o rebaixamento moral. Esse é o significado do termo em latim, na sua etimologia histórica desde o século XVIII.⁴ Certamente era esse sentimento que Maria das Neves de Jesus trazia quando suplicou ao governo o regresso do filho, único arrimo de uma família e de três *donzelas*.

Esse texto trata-se do esquecimento na história e do não reconhecimento aos homens e mulheres comuns que fizeram a campanha: uns enfrentando o inimigo externo nas fronteiras do país e outros a guerra pela sobrevivência em sua própria terra. A guerra de Lopez, como ficou conhecida durante o seu acontecimento, é a *guerra da humilhação* que não apareceu na história do Brasil, após o termino do conflito. Interessa-nos trazer à discussão traços que nos ajudem a compreender a experiência da violência, do sofrimento, da dor e do esquecimento. Recompor a história dos ausentes nas interrogações levantadas por historiadores da guerra, outrora dedicados à mitificação e culto aos heróis nacionais ou, ainda, procurando na conjuntura política as razões para o conflito.

Sobre a Guerra do Paraguai a historiografia oficial anotou os discursos celebrados pelo Estado, com paradas militares e bandeiras, festas cívicas e religiosas, e desfiles nas ruas da capital do Império. Não obstante a memória organizada de uma guerra de *glórias* e o culto cívico aos generais em campos de batalha, pretendemos rememorar uma outra face da história e não repetir aquilo de que se lembra a nação brasileira sobre os anos que se seguem à vitória do Brasil na região do Prata.

Não é sem hesitações ou inquietudes que escrevo sobre ressentimentos na história. Percorro esse caminho para narrar histórias sobre viúvas, órfãos e mutilados, numa tentativa que se encerra na definição de Pierre Ansart: ressentimentos significa evocar *a parte sombria, aterrorizadora da história*. Da mesma forma, reveladora das *reticências* do presente na trajetória de vida do próprio pesquisador, em termos de sentimentos como *ódios, invejas, desejos de vingança e o próprio fantasma da morte*.⁵

⁴ LOPREATTO, Christina. Sobre a humilhação: sentimentos, gestos e palavras. Colóquio Internacional. Cardenos de Resumo. 03 a 07 de maio de 2004, Campinas – SP: UNICAMP, p. 17.

⁵ ANSART, Pierre. História, testemunho e Memória. In: BRESCIANI, Stella e Naxara Márcia (orgs.) Memória (res)sentimento. Indagações sobre uma questão sensível. Campinas – SP. Editora da UNICAMP, 2000, p. 15.

Partindo dessas referências, lanço meu olhar sobre aqueles que desapareceram por tão completo que ninguém se lembra de seus nomes. Rememorar esse passado pode ser um exercício temerário e pleno de sofrimentos.

O jornal *O Alabama*, em sua edição de 04 de janeiro de 1869, no alvorecer do novo ano, publicou em suas páginas:

Causava lastima passar pelas ruas da Lapa, Forte de S. Pedro e porta da repartição da polícia. Senhoras desgrenhadas, alucinadas, clamando contra céus e terra, deploravam seus maridos, irmãos e pais que tinham sido recrutados, com exclamações que cortavam o coração mais duro.⁶

Esses personagens estavam imersos na indiferença, inutilizados e impotentes, sofreram nos anos posteriores da guerra e, ainda, no seu curso para serem completamente esquecidos. Ao historiador cabe a transmissão do que a tradição oficial não recorda. Nessa perspectiva Jeanne Marie Gagnebin, reflete, a partir do texto: *o narrador* de Walter Benjamin, sobre essa tarefa paradoxal que consiste: *na transmissão do inenarrável, numa fidelidade ao passado e aos mortos, mesmos – principalmente – quando não conhecemos seu nome nem seu sentido.*⁷

A humilhação começava antes mesmo do embarque para a corte. Noticiou o jornal *O Tempo*, em 29 de maio de 1865, o espetáculo que presenciou a província da Paraíba com a *chegada de cerca de 30 guardas nacionais para o destacamento de guerra, todos de gargalheria ao pescoço e o cortejo de mulheres e crianças que acompanhou o mesmo destacamento, em seguimento de seus maridos e pais.*⁸ Era um espetáculo desolador: esposas que seguiam o cortejo com os maridos acorrentados; filhos que guardariam na memória à imagem do pai humilhado. A cena descrita no jornal remete a uma imagem de procissões medievais para ostentação dos suplícios.

Dois dias depois o mesmo jornal comentou que: *ficaram na cidade grande quantidade de mulheres, a quem não foi permitido acompanhar seus maridos*⁹ e que na ocasião do embarque, muitas esposas acompanhadas dos filhos estavam no cais, para

⁶ Instituto Geográfico Histórico da Bahia. *O Alabama*, Salvador, 04 de jan. de 1869.

⁷ Ver *o narrador in*: BENJAMIN, Walter et. all. Textos Escolhidos. São Paulo: Abril Cultural, 1983, p. 57-86. (Os Pensadores).

⁸ Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. *O Tempo*. João Pessoa, 29 de mai. de 1865.

⁹ Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. *O Tempo*, João Pessoa, 29 de mai. de 1865.

aumentar o coro e as exclamações dando uma fisionomia de tristeza à despedida da tropa.

Era um espetáculo possível de ser visto em diversas partes do país. Na Bahia, província que enviou um dos maiores contingentes de soldados para a guerra, também ocorreu o recrutamento forçado e humilhante. Em janeiro de 1869, quando as forças já exauridas das tropas necessitaram de serem repostas com novas levadas de soldados, o jornal *O Alabama* noticiou ter visto cinco sujeitos, algemados e acorrentados pelo pescoço, procedentes de Caitite, no vapor que vinha da cidade de Cachoeira. E, criticando a atitude do governo imperial, afirmou em suas páginas que *o Brasil para civilizar o Paraguai o tomava dinheiro emprestado e derramava a jorros de sangue de seus filhos*¹⁰. O mesmo Jornal ainda acrescentou que os homens estavam acorrentados pelo pescoço, como se fossem brutos, exposto em espetáculo, desde a cidade baixa até a secretária da polícia da Bahia.

A cidade era testemunha de cenas aflitivas e consternadoras. No caminho até a prisão, os recrutas foram vistos por populares que, de longe, presenciavam a cena. O público dividia-se entre os sentimentos da compaixão e do divertimento, uns lamentavam o triste episódio, enquanto que para outros, o cortejo dos soldados acorrentados era motivo para gozações e chacotas, apontando-os como pobres tabaréus.¹¹

Em março foi a vez de dois outros guardas de polícia, Paulo José de Souza e José Celestino encenarem tal ato. Vieram os desgraçados da cidade de Lençóis e como escreveu *O Alabama*, em sua edição de 06 de março de 1869, *foram vítimas de martírios corporais, que nada deixam inveja as torturas da inquisição*.¹² Um deles já quase cego, em consequência dos golpes que lhe aplicaram nos olhos. A deserção, freqüentemente, custou caro àqueles capturados e não devia ser estranho assistir ao desfile dos soldados que negaram auxílio a pátria. Assim intimidava qualquer atitude semelhante de outros soldados que pretendessem a deserção. Mas por que desertaram? Impulsionados pela covardia que também habita o espírito humano? Ou alertados pelo descaso do governo em relação à condição dos soldados mutilados que retornavam à

¹⁰ Instituto Geográfico Histórico da Bahia. *O Alabama*, Salvador, 22 de jan. de 1869.

¹¹ Instituto Geográfico Histórico da Bahia. *O Alabama*, Salvador, 30 de jan. de 1869.

¹² Instituto Geográfico Histórico da Bahia. *O Alabama*, Salvador, 6 de mar. de 1869.

nação, humilhados pela falta de reconhecimento dos seus direitos e pela negação dos auxílios devidos pela corte?

O sentimento de humilhação visava rebaixar moralmente o desertor, além de infligir sofrimentos ao corpo. Fazendo-o, assim, desmoralizar enquanto indivíduo pertencente a um grupo social. A exposição daqueles soldados era uma visão vexatória a toda gente que circulava na cidade, uma prática repetitiva ao longo do tempo. A dor maior era sentida na alma, superando, inclusive, a dor dos ferimentos trazidos no corpo adquiridos nos campos de batalhas.

Sentimentos de vexame, vergonha e humilhação constituem-se em objetos paradoxais precisamente porque se inserem na interioridade, na intimidade mais profunda, no caráter instável e fugaz dos não-ditos, ignorados ou recalcado e, no entanto, demandam forma e expressão para serem apreendidos.¹³

João Carlos de Souza França embarcou em Salvador no batalhão comandado pelo coronel Modim Pestana. Combateu nos dias 18 e 24 de maio e foi baleado na perna direita. De volta para a sua cidade viveu a esmolar de porta em porta, como espelho da miséria da terra que havia esquecido e abandonado à própria sorte. Ainda no curso da guerra foram visíveis cenas semelhantes a do soldado João. Afirmou em crítica contundente *O Alabama, Deixai passar a turba de mendigos.*¹⁴ Eram homens que traziam no peito da blusa esfarrapada uma fileira de fitas multicores, que atestavam o valor no campo de batalha. *Aqueles fragmentos de fardas ocultavam cicatrizes honrosas obtidas na defesa da pátria. Deixai passar os mendigos!*¹⁵ Exclamava o jornal jocoso da Bahia que aqueles miseráveis eram combatentes que caminhavam pelas ruas sustentados por pedaços de pau, pois haviam perdido suas pernas nas trincheiras inimigas.

Eram soldados que traziam pendentes as mangas de suas blusas porque deixaram ambos os braços nas banhadas paraguaias, quando cumpriam o dever de bons soldados. Descreveu o mesmo jornal a condição física de outro soldado: um miserável e andrajoso, que desfilava pelas ruas de Salvador, atormentado pela cegueira, em seu devaneio patriótico, ele saudava o Imperador: *Aquele outro, cujo rosto transformado em medonho crivo, acha-se cego em função de uma descarga à queima roupa. Privado dos*

¹³ HAROCHE, Claudine e SEIXAS, Jacy. Sobre a humilhação: sentimentos, gestos e palavras. Colóquio Internacional. Cardenas de Resumo. 03 a 07 de maio de 2004, Campinas – SP: UNICAMP, p. 04.

¹⁴ Instituto Geográfico Histórico da Bahia. *O Alabama*, Salvador, 13 de dez. de 1866.

¹⁵ Instituto Geográfico Histórico da Bahia. *O Alabama*, Salvador, 13 de dez. de 1866.

*olhos não se fez calar-se bradando pelas ruas: Viva o Imperador! Viva a nação brasileira.*¹⁶ Concluía o jornal:

*Dá-lhes a esmola que resignados vos pedem! Os altos poderes do estado esqueceram-se de seus compromissos, mas esses poderes, só por si, não constituem a nação. Deixai, pois passar incólume a turba de mendigos, e no seu trajeto doloroso e afetivo dá-lhe uma esmola pelo amor de Deus!*¹⁷

A Campanha contra o país vizinho levou os soldados ao combate em solo paraguaio e também ao enfrentamento das intempéries sofridas, pela fome e pela rudeza dos acampamentos. Noticiou *O Alabama*, referindo-se ao cenário da guerra que enfrentavam esses homens:

*A maior parte dos soldados andam descalços e quase nus. Os hospitais são barracas de algodãozinho ralo por onde passa a neve, amanhecendo os doentes cobertos dela. Não há ambulância, bem que haja alguns médicos. As barracas têm cinco palmos de altura e seis de largura; mal cabem dois doentes, os enfermeiros são os amigos e feliz do doente que os tem. A bexiga e a diarreia lavram em grande escala. Ha soldados que enlouquecem por estarem com febre e ficam cobertos de gelo.*¹⁸

Desejavam voltar para casa e, vencendo a guerra no campo de batalha, esperavam o reconhecimento como bravos heróis.

A mãe do soldado Antônio Manuel Caetano Pojuca, sargento do 40º de voluntários, foi ao governo da província pedir uma esmola. Não obteve resposta. A pobre senhora não desejava muito, a não ser uma ajuda para enterrar o seu filho que 3 horas depois de desembarcar na Bahia, tinha espirado sem vida, não trazia um vintém, porque o governo não havia lhe remunerado o soldo a que tinha o direito.

O Jornal *o Jequitinhonha*, em 15 de agosto de 1869, anunciou em suas páginas a situação dessa mãe desolada e sofredora, que era semelhante à de muitas outras: *Não há família no Brasil que não tenha de cobrir de luto sem que aos órfãos, aos*

¹⁶ Instituto Geográfico Histórico da Bahia. *O Alabama*, Salvador, 13 de dez. de 1866.

¹⁷ Instituto Geográfico Histórico da Bahia. *O Alabama*, Salvador, 13 de dez. de 1866.

¹⁸ Instituto Geográfico Histórico da Bahia. *O Alabama*, Salvador, 13 de dez. de 1866.

*mutilados e aos mártires fique ao menos a consolação de se haverem sacrificado com o proveito para a glória de seu país.*¹⁹

Órfãos de pai somavam-se ao coro dos suplicantes. Durante a guerra, meninos e meninas pobres ficaram desamparados porque seus pais foram mortos ou mutilados na guerra. As viúvas pobres e as mães desvalidas recorriam à caridade pública para pedir abrigo para seus filhos. Havendo casos em que os próprios representantes do Estado procuravam fazer a mediação para que crianças desfavorecidas fossem acolhidas e protegidas.

Em 1866, o Juiz dos Órfãos Augusto Meneses solicitou ao presidente da Província que encontrasse abrigo para duas crianças: Hélio e Izabel. O capitão César Guimarães, pai dos menores havia tombado em combate no Paraguai. A situação de pobreza de uma outra família, registrada na documentação pesquisada, também indicava que a causa da miséria a que estavam reduzidos foi o recrutamento de um soldado, que era arrimo da família. A mãe foi obrigada a pedir socorro ao governo provincial para a sustentação dos seus filhos. Maria, com 12 anos e Ana, a caçula, com 5, pois viviam em condições miseráveis, desde que seu pai, soldado do Corpo Policial, havia marchado para a referida guerra, em 1865.²⁰

Em outras situações, as viúvas ficavam sem condições de educar seus filhos menores, quando os homens da casa, os arrimos de família, eram convocados para a guerra. Fabiana encontrava-se nessa situação, em 1868, quando solicitou ao Presidente da Província que a socorresse e encaminhasse a sua filha pequena para uma casa de caridade. Em relação à guerra, além de todos os prejuízos humanos e materiais que o confronto bélico produziu, o conflito também deixou como legado à nação brasileira uma legião de órfãos. De acordo com o Estado-Maior do Exército, lutaram na Guerra do Paraguai, de 1864 a 1870, cerca de 140.000 brasileiros, dos quais 33.000 tombaram nos campos de batalha.²¹

A humilhação pairava por toda parte. Certamente o sofrimento cresceu na mesma proporção, restando poucas chances de esquecer todos os tormentos vividos

¹⁹ Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. *O Jequitinhonha*, Belo Horizonte, 15 de ago. de 1869

²⁰ CHAVES, Marcos Antonio et al.. *Significados de Proteção a Meninas Pobres na Bahia do Século XIX*. In: *Psicologia em Estudo*. Maringá. V. 8, num. Esp., p. 88, 2003.

²¹ Cf. Estado-Maior do Exército (1972). *História do Exército Brasileiro: perfil militar de um povo*. Brasília / Rio de Janeiro: Fundação IBGE. Apoud. CHAVES, Marcos Antonio et al., Op., cit., p. 88.

na guerra. A arte do esquecimento, sim, foi praticada pelo Estado, pois, muitas das vítimas da atroz guerra espalhavam-se pelas ruas.

Ana Maria Simplicia de Jesus, impelida pela necessidade, pôs a farda de seu marido à venda, guarda nacional do 6º batalhão da cidade do Salvador, que havia sido recrutado e remetido para o Sul. A anunciante teve a infelicidade de não serem atendidas suas reclamações, apesar de se apresentar ao presidente da província com três filhas e ainda grávida de outra criança. Requereu junto às autoridades da província à soltura de seu marido que era o chefe da família e lhe matava a fome. Reduzida a mais extrema miséria, desalojada do teto onde se abrigava, por não poder pagar o aluguel, desamparada e sem meios para manter-se e a seus filhos lançou-se a esse precário recurso. A referida farda estava à venda na loja n. 17 à rua do Julião onde poderia ser vista e comprada.²²

Não constituía uma tarefa fácil apelar às autoridades provinciais e à corte os direitos garantidos pela lei, esbarravam os suplicantes, nos entraves da burocracia do governo que dificultava a liberação de auxílios. D. Joaquina Augusta Monteiro pediu uma pensão igual ao soldo que percebia seu finado marido, o capitão Luiz Vicente Vianna, e foi avisada que sua pretensão só poderia ser atendida pelo Ministério dos Negócios da Guerra, no Rio de Janeiro, mediante a apresentação junto ao seu requerimento, da folha corrida, certidões da secretaria do Império e da Guerra, declarando os pagamentos que recebeu ou que não havia recebido, a Fé de Ofício do marido, certidões de casamento e de que ele lhe consignou quantia para alimentos, e finalmente, justificação de que ela vivia com ele, ou estava dele desviada ou por má conduta separada.²³

Roque José Pereira serviu no 29º batalhão do corpo de voluntários e foi condecorado com a medalha de honra pelos atos de bravura na campanha contra o Paraguai. Quando regressou dos campos de batalha à terra natal, estava mutilado de uma das pernas, assim como tantos inválidos, ele também alimentou esperanças de receber o soldo devido do governo imperial, uma promessa firmada pelo decreto de 7 de janeiro de 1865.

²² Instituto Geográfico Histórico da Bahia. *O Alabama*, Salvador, 30 de Nov. de 1867.

²³ Arquivo Público do Estado da Bahia. Seção Colonial e Provincial. *Avisos Recebidos do Ministério da Guerra*. 1865-1870, Maço 832.

Sem o reconhecimento pelos serviços prestados à nação, o voluntário Roque José Pereira passou a viver nas ruas como indigente. O combatente ostentava publicamente a condecoração que carregava no peito sobre as vestes andrajosas que cobriam o corpo mutilado. Amargurado e maldizendo a insígnia imperial ele perguntava:

Do que serve este habito de Cristo que vê-me pender no peito, se o governo de minha pátria me deixa morrer a fome; a mim que me mutilei no serviço dela? Vê esta perna? É uma parte inútil do corpo; só ela recebeu duas balas. Este habito não passa de amarga ironia porque um dia, obrigado pela indigência, me verei em necessidade de ir puxar uma carroça com ele no peito.²⁴

O soldado Roque José participou de três combates e foi ferido em Lomas Valentinas. Requereu, pelos serviços prestados, o pagamento de soldo sem nada conseguir. Afirmava ele, que se na corte *nada alcancei, quanto mais aqui, onde as dificuldades duplicam-se*, ressentido pelo desprezo em que se encontrava concluía: *negar a subsistência a um cidadão inválido pela defesa da pátria, é a maior das tiranias!*²⁵

A história que passarei a narrar, por si só, constitui importante documento revelador da condição humana. Ela foi transcrita pelo *O Alabama*, em sua edição de 5 de maio de 1870. Essa é uma história longa e tocante, que poderia muito bem ser o tema de um romance bem ao dos leitores do final do século XIX.

O narrador suprimiu o nome dos personagens, mas, enriqueceu a narrativa com uma quantidade impressionante de detalhes que nos permitem supor, tratar-se de uma história ocorrida nos bastidores da guerra, envolvendo personagens que o governo esqueceu e evidenciando, acima de tudo, a complexidade do aparato burocrático, quando o suplicante se tratava de uma mulher que implorava e rogava pelo seu esposo. Trata-se também de uma história de amor e compaixão e da obstinação de uma mulher aguerrida que seguiu com o marido até os campos de batalha do Paraguai.

Falar sobre o sofrimento na história é tarefa difícil para o historiador que, acostumado com suas análises objetivas, na busca por evidências concretas, pergunta-se

²⁴ Instituto Geográfico Histórico da Bahia. *O Alabama*, Salvador, 18 de mar. De 1870.

²⁵ Instituto Geográfico Histórico da Bahia. *O Alabama*, Salvador, 18 de mar. De 1870.

qual a relevância da compreensão dos sentimentos humanos? Deixarei que as narrativas daqueles que vivenciaram a guerra sejam portadores de explicações.

Em São Gonçalo dos Campos, légua e meia da cidade de Cachoeira, no centro da Bahia, em um lugarejo cujos habitantes, por infelicidade, ocupavam as terras pertencentes a um latifundiário da região. Alguns moradores, por terem nas eleições se pronunciado em sentido oposto a de um coronel, se viram vítimas do ressentimento e do seu ódio. Para puni-los pelo afronte *imperdoável*, O dono das terras obrigou-os a partirem em uma leva geral de recrutados à força.

Na fileira dos soldados foi incluído um homem, casado, cujo nome desconheço, com dois filhos. A esposa decidiu seguir a sorte do marido diante do mundo que lhe sucumbia. Ela carregava um filho pequeno nos braços e outro atado nas costas. Chegando à Cachoeira, o casal teria uma longa jornada ainda pela frente. Ele aquartelado na província baiana, aguardando o embarque das tropas para o Paraguai enquanto a esposa desvalida iniciava uma romaria, percorrendo os gabinetes das autoridades da província, para pedir a isenção do alistamento do conjugue. Em vão a dedicada mulher se foi lançar-se aos pés de quem pudesse soltá-lo, mostrando-lhe os dois filhos que ficariam sem amparo. Ouviu como resposta que nada poderia ser feito, pois quem precisava daquele soldado era a pátria. Junto aos homens acorrentados seguiu, a pobre mulher, para cidade do Salvador.

Restava-lhe suplicar, as autoridades maiores, todavia foram inúteis seus rogos e suas lágrimas, para conseguir a soltura daquele a quem se ligara para sempre. E, quando vencendo os obstáculos, conseguiu chegar até aqueles que podiam fazer justiça, voltava iludida por dissimuladas promessas sem que nunca fossem concretizadas suas esperanças.

Ocorreu, finalmente, o dia do embarque e o homem, casado com dois filhos, marchou forçado para a guerra, levando no braço esquerdo distintivo de voluntário da pátria. Sua mulher não o abandonou, preferiu seguir o infortúnio a ficar entregue aos horrores da miséria. Temia ser arrastada a vender a honra para alimentar os filhos desamparados. Se na sua província não podia obter a reparação de seu direito extorquido, restava-lhe seguir para a corte e, lá, também nenhum pronunciamento lhe foi favorável.

Acometida de bexiga, doença freqüente no século XIX, ela acompanhou seu marido da corte para a Campanha. Não deixa claro o documento como conseguiu seguir

para a corte e de lá para o Paraguai. Mas a narrativa do sofrimento da mãe e esposa fiel foi marcada pelo pior dos ressentimentos e que, somente pode acometer àquelas que não obtiveram a graça de verem realizar-se o destino natural. Durante a viagem para o Paraguai, faleceu em seus braços, um dos filhos. Com o coração partido de dor, ela presenciou ser atirado às ondas do mar, o corpo da desafortunada criança.

Em Montevideu foi acometida de grave enfermidade e atirada a um hospital insalubre. A sua moléstia prorrogou-se até a ocasião da marcha do batalhão. Em uma terra estranha, sem recomendação, sem compreender o dialeto do país, não sabia caminho nem carreira.

Depois de tanto sofrer encontrou uma alma compassiva que a transportou para o Brasil. Na corte, peregrinou por seis meses, em busca da caridade que lhe transportassem para sua província natal. Ao retornar para Cachoeira ela retirou-se para a povoação de seu nascimento, onde se dedicou ao trabalho da lavoura, para manter-se e a seu filho. E assim seguiu na sua monótona existência. De enxada na mão ela sobreviveu com o suor de seu rosto e das esperanças pelo regresso do marido.

Veio a calamitosa seca com suas desastrosas conseqüências, negando-se a terra de produzir as sementes depositadas em seu seio, às plantações murcharam e a desolada mãe viu-se arremessada as garras da penúria. Foi para a capital para conseguir do governo uma esmola, em vista do seu estado; Apresentou o atestado do vigário e da autoridade policial comprovando que ela era casada; mas exigiram-lhe reconhecimento de firma e uma aluvião de documentos, alguns deles só possíveis de serem conseguidos no quartel-general na corte. Desesperada e sofrendo com o desamparo retirou-se mal dizendo a sua sorte. Estava ressentida e rapidamente seria esquecida pela pátria.

Ali, bem perto, descendo a alta escarpa em direção à cidade baixa, em comemoração ao término da guerra, desembarcavam os primeiros voluntários depois da árdua campanha. Não mais me ocuparei daquela mulher, sem nome, sem idade, e sem pátria. Mas gostaria de exercitar a imaginação, quanto a sua surpresa e revolta incontida diante das palavras pronunciadas, pelas autoridades, o discurso da vitória.

O presidente da província leu a seguinte proclamação, publicada no dia seguinte no jornal O Alabama, em 05 de maio de 1870:

Homens do campo que trocaste o arado pelo fuzil, repetindo os feitos heróicos dos velhos tempos de Roma, voltai orgulhosos a mais nobre das industrias, e transmiti à vossos filhos, parentes e vizinhos o sentimento de patriotismo que vos seguiu na terra

*estrangeira, dizei-lhes que no meio dos perigos e por entre cadáveres a pátria sobressai até a família.*²⁶

O trabalho do historiador, como qualquer trabalho sobre o passado, jamais consiste exclusivamente em estabelecer fatos, mas também em escolher alguns deles como mais significativos do que outros e relacioná-los entre si; ora esse trabalho de seleção e de combinação, Nessa perspectiva Todorov reconhece que é necessariamente orientado pela busca não somente da verdade, mas do bem.²⁷

Assim, arriscar na busca de possíveis entendimentos dos fatos é reconstituir o pensamento dos sujeitos que, sem manifestarem suas mais íntimas revelações, nos fazem levantar suposições à cerca de como pensavam o seu próprio tempo.

Essa é uma narrativa sobre homens mutilados, órfãos, desvalidos e viúvas, desamparadas sem memórias na história oficial, esquecidos pelo governo e ignorados pela sociedade. O dilema de encontrar um sentido para o estudo das feridas da história não significa suscitar a vitimização ou a compaixão, e sim com palavras diferentes e um sentido humano, encontrar um lugar na História para os ressentidos, ao lado dos heróis que devem, e muito, a estes personagens silenciados.

O sofrimento pela pátria não é maior do que o sofrimento pela perda de entes queridos. Na doação de suas vidas à defesa da nação, encontraram a ruína, o esfacelamento de suas vidas, de seus lares, habitando a tristeza em suas almas.

Os homens que fizeram a Campanha eram pessoas comuns do povo, cujo conceito de pátria, não foi esclarecedor e tão pouco eficaz para que os mesmos percebessem que a carne devorada em razão de um sentimento nobre é uma grande virtude de patriotismo.

A imagem dos mutilados enclausurados em suas próprias casas, vistos nas ruas, esquinas, nas portas de igrejas, envergonhados pelo não reconhecimento de sua coragem e abnegação, irradiava a o sentimento da humilhação por onde transitavam. Esses homens perderam parte do corpo no campo de guerra e, de volta para casa, o que lhe restava de mais profundo, a própria alma. Restavam-lhes o protesto, a indignação e o ressentimento, para que fossem lembrados na história. Perder o filho para á pátria, era abrir o próprio ventre para imolar o filho ao sacrificio. Homens,

²⁶ Instituto Geográfico Histórico da Bahia. *O Alabama*, Salvador, 5 de mai. De 1870.

²⁷ TODOROV, Tzvetan. *Memória do mal e tentação do bem*. São Paulo: ARX, 2002, p. 150.

feridos em sua virilidade, lançados á vergonha, pela perda dos membros, chefe de famílias mendigando a caridade pública, eles agonizavam com as respostas negativas aos apelos feitos às autoridades.

Pensões, soldos, uma vaga no asilo para inválidos, um posto nas tropas, medalha, passador de lata, um par de muletas, um enterro descente, foram reivindicados por mais de 30 anos depois de terminada a guerra. Com o passar do tempo, fragmentos dessa história podem ser recuperados, em registros deixados involuntariamente por esses personagens. Eles aparecem de todas as formas imagináveis: até mesmo nos devaneios dos soldados amargurados que tiveram a oportunidade de encontrar uma escuta, para transmissão de sua condição de esquecidos em jornais populares, interessados em registrar as mazelas dos menos afortunados.

São muitas as histórias reveladas nas queixas das viúvas, que percorreram caminhos tortuosos, apenas para conseguir uma pensão de meio soldo. As lamentações das esposas honradas, resignadas a uma solidão silenciosa, deixaram vestígios da condição da mulher pobre e virtuosa. As súplicas por uma esmola ao Imperador revelavam a dignidade de mulheres que para não morrer de fome percorreram os morosos caminhos da justiça. São essas histórias registradas pelas mãos de burocratas, insensíveis ou passivos, diante da dor de que revelam a sutilezas e desesperos como a história da esposa honesta que vendeu a farda do esposo para colocar o pão na boca dos filhos.

Esse texto que escrevo narra as desventuras de personagens anônimos que participaram dos bastidores da Guerra do Paraguai, e que para eles não houveram celebrações. Eram, mães, viúvas, órfãos e mutilados, pessoas comuns que não figuram em retratos nas galerias dos vultos imortais da pátria. Para esses personagens escrevi esse texto e encontrar para eles um lugar na história.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFIA

- ANSART, Pierre. História, testemunho e Memória. In: BRESCIANI, Stella e Naxara Márcia (orgs.) Memória (res)sentimento. Indagações sobre uma questão sensível. Campinas – SP. Editora da UNICAMP, 2000
- BENJAMIN, Walter et. all. Textos Escolhidos. São Paulo: Abril Cultural, 1983
- BOCCANEIRA JR, Sílio. *A Bahia na Guerra do Paraguai* In: *Revista do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia*, n. 72, 1945.
- BRUSCHINI, C. & SORJ, B (org.). *Novos olhares: mulheres e relações de gênero no Brasil*. São Paulo: Marco Zero/Fundação Carlos Chagas, 1994.
- CHAVES, Marcos Antonio et all.. *Significados de Proteção a Meninas Pobres na Bahia do Século XIX*. In: *Psicologia em Estudo*. Maringá. V. 8, 2003.
- COSTA, Suely Gomes. Proteção social, maternidade transferida e lutas pela saúde reprodutiva. *Revista. Estudos. Feministas*. Jul./Dez. 2002, vol.10, no.2, p.301-323.
- DORATIOTO, Francisco Fernando Monteoliva. *Maldita Guerra: nova história da Guerra do Paraguai*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002
- DUARTE, General Paulo de Queiroz. *Os Voluntários da Pátria na Guerra do Paraguai*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, v.1. 1981.
- GAGNEBIN, jannine Marie In: BRESCIANI, Stella e Naxara Márcia (orgs.) Memória (res)sentimento. Indagações sobre uma questão sensível. Campinas – SP. Editora da UNICAMP, 2000
- HAROCHE, Claudine e SEIXAS, Jacy. Sobre a humilhação: sentimentos, gestos e palavras. Colóquio Internacional. Cardenos de Resumo. SP: UNICAMP, 2004.
- LOPREATTO, Christina. Sobre a humilhação: sentimentos, gestos e palavras. Colóquio Internacional. Cardenos de Resumo. SP: UNICAMP, 2004
- MATTOSO, Katia M. de Queirós. *Bahia: A cidade do Salvador e seu mercado no século XIX*. São Paulo: Hucitec. Secretaria de Educação e Cultura, 1979.
- POMER, Leon. *A Guerra do Paraguai, A grande tragédia Rio-platense*. São Paulo: Global, 1980.
- QUERINO, Manoel. *A Bahia de outrora: vultos e fatos populares*. Bahia: Livraria Econômica, 1922.

- RODRIGUES, Marcelo Santos. *Os (in) voluntários da Pátria na Guerra do Paraguai: A participação da Bahia no conflito*. Bahia: tese de mestrado em História da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFBA , 2001.
- SILVA, T. T. (org). *Identidade e diferença*. Petrópolis, RJ: vozes, 2000.
- TODOROV, Tzvetan. *Memória do mal, tentação do bem*. Tradução de Joana Angélica D’Avila Melo. São Paulo: Arx, 2002.